



**FACULDADE MARIA MILZA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DEOLINDA RIBEIRO DE CARVALHO**

**A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO  
JOSÉ DO ITAPORÃ - MURITIBA - BA**

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA**

**2014**

**DEOLINDA RIBEIRO DE CARVALHO**

**A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO  
JOSÉ DO ITAPORÃ - MURITIBA - BA**

Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Maria Milza – FAMAM, como requisito parcial para obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Esp. Ana Paula Deiró do Espírito Santo

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA**

**2014**

### Dados Internacionais de Catalogação

Carvalho, Deolinda Ribeiro de

C3311 A leitura na educação infantil de uma escola pública em São José do Itaporã – Muritiba - BA / Deolinda Ribeiro de Carvalho. – 2014

52 f.

Orientadora: Profa. Esp. Ana Paula Deiró do Espírito Santo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2014.

1. Leitura. 2. Educação infantil. 3. Contos. 4. I. Santo, Ana Paula Deiró do Espírito. II. Título.

CDD 372.4

**DEOLINDA RIBEIRO DE CARVALHO**

**A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM SÃO  
JOSÉ DO ITAPORÃ - MURITIBA - BA**

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA DE APRESENTAÇÃO**

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Ana Paula Deiró do Espírito Santo - Professor orientador  
Faculdade Maria Milza - FAMAM

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Denise Pimenta da Silva Oliveira  
Faculdade Maria Milza - FAMAM

---

Prof<sup>o</sup> Mestre André Gustavo Pinheiro dos Santos  
Faculdade Maria Milza - FAMAM

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA**

**2014**

Dedico, inicialmente, a Deus por ter me dado força e coragem por mais uma etapa em minha vida, aos meus filhos, a minha família e a todos que direto ou indiretamente contribuíram para mais uma conquista.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por ter me concedido o poder de concluir mais uma etapa da minha vida, em meio a tantas dificuldades.

A meus filhos, os quatro amores da minha vida, pela paciência e compreensão durante a minha ausência. Vocês são a maior benção que Deus me concedeu.

A minha orientadora, profª Esp. Ana Paula Deiró do Espírito Santo, pela dedicação e paciência ao longo das orientações, incentivando-me nas horas difíceis e contribuindo para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus pais, Celina e Lourenço (*in memória*) que foram fundamentais para a minha formação meus valores e princípios. Vocês serão eternos!

Aos meus familiares que me apoiaram. Agradeço pelo apoio e incentivo e compreensão.

Ao meu irmão, Antonio, meu amigo e companheiro, você também faz parte desta conquista.

Aos coordenadores do curso de Pedagogia, Denise Pimenta e Roque Sergio, pelo compromisso e responsabilidade ao decorrer o curso.

A FAMAM – Faculdade Maria Milza, por me acolher, abrindo espaço para as conquistas de novos conhecimentos.

Aos meus professores de todo período do curso, que contribuíram pra construção de conhecimentos, vocês jamais serão esquecidos.

Às colegas que estiveram presentes em todos os momentos dessa caminhada me ajudando a vencer os obstáculos.

Aos motoristas, que nas suas horas de sono, estavam a nossa espera para que realizássemos o nosso sonho e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para obtenção do título.

“Ler livros geralmente se aprende no banco da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.”

Maria Layolo

## RESUMO

A escola se constitui como o melhor espaço social para o desenvolvimento da leitura, promovendo o saber de forma sistematizada pelo conhecimento histórico-social e cultural produzido pelo homem. Desta forma, entende-se que para formar leitores e desenvolver a competência leitora é preciso que as escolas incentivem e desenvolvam no aluno o hábito pela leitura que não é tarefa fácil. Partindo dessa premissa, destaca-se o baixo rendimento expresso nas estatísticas, as quais mostram que cada dia mais, os alunos saem do Ensino Fundamental e Médio sem o domínio mínimo para a leitura e a escrita de forma eficiente. Desta forma, busca-se refletir acerca do seguinte problema: Como despertar o hábito da leitura nos alunos da Educação Infantil. Sendo assim, o trabalho em questão tem como objetivo geral: Investigar como está sendo trabalhada a leitura no Ensino Infantil I e II na escola. E como objetivos específicos: Constatar se há na escola um espaço adequado para as aulas de leitura na Educação Infantil; Distinguir os fatores que interferem no processo de aprendizagem da leitura; Identificar as contribuições da leitura na Educação Infantil. Como pressupostos metodológicos para o desenvolvimento do seguinte trabalho foram utilizadas, observação, questionários, análise de conteúdos e artigos. No tocante às referências realizou-se pesquisas bibliográficas que coletassem autores importantes, relatórios de especialistas e pesquisas eletrônicas com o intuito de dar subsídios de análise aos pontos questionados. A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública situada na zona rural, em São José do Itaporã, município de Muritiba-Ba. Os instrumentos de análise de dados foram entrevista com os alunos e com os professores da educação infantil I e II, além de observação do ambiente escolar. Os resultados aqui expostos são importantes por demonstrarem como as crianças veem a leitura na Educação Infantil e como a postura do educador e sua metodologia de ensino podem contribuir para que a criança desenvolva as habilidades básicas para ler e conseqüentemente produzir textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Educação Infantil. Aprendizagem.



## ABSTRACT

The school is constituted as the best social space for the development of reading, promoting knowledge in a systematic way by the socio-historical and cultural knowledge produced by man. Thus, it is understood that to form readers and develop reading competence is necessary that schools encourage and develop in the student the habit of reading that is no easy task. From this premise, there is the low yield in the statistics, which show that more and more students leave the elementary and high school without the minimum area for reading and writing efficiently. Thus, the project in question has the general objective: To investigate how it is being worked on reading Childhood Education I and II at school. And the following objectives: See whether there is adequate space in the school for reading classes in kindergarten; Distinguish the factors that interfere with learning to read process; Identify the contributions reading in kindergarten . As methodological assumptions for the development of the following research project were used, observation, questionnaires, content analysis and articles. Regarding the references held bibliographic research coletassem important authors, expert reports and electronic surveys in order to give analysis of subsidies questioned points. This research was conducted at the School, situated in the countryside, in São José do Itaporã city of Muritiba-Ba. With two teachers of the school and the students of Child I and II. The data analysis tools were questionnaire with students of Children's Education I and II, and the teachers of early childhood education I and II , as well as observation of the school environment . The results shown here are important for demonstrating how children see reading in kindergarten and how the attitude of the teacher and his teaching methodology can help children to develop the basic skills to read and consequently producing texts.

**KEYWORDS :** Reading. Early Childhood Education. Learning.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Número de educandos da Educação Infantil que gostam de ler.....	38
<b>Figura 02:</b> Número de crianças que tem acesso ao livro em casa.....	39
<b>Figura 03:</b> Número de educandos da Educação Infantil que fazem leitura de imagens .....	40
<b>Figura 04:</b> Número de educandos da Educação Infantil que recebem incentivos para ler.....	41
<b>Figura 05:</b> Número de educandos da Educação Infantil que gostam de fazer leituras de imagens para os colegas .....	41

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01:</b> Execução da prática a fim de alcançar os objetivos educacionais da escola .....	42
<b>QUADRO 02:</b> Metodologia utilizada para garantir as crianças clareza e segurança no seu aprendizado.....	43
<b>QUADRO 03:</b> Atitude perante uma criança com dificuldade de leitura.....	44
<b>QUADRO 04:</b> Recursos utilizados na sala de aula .....	44
<b>QUADRO 05:</b> Sobre o trabalho individual ou coletivo para crianças com dificuldades de leitura .....	45
<b>QUADRO 06:</b> Principais dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de leitura .....	45

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A LEITURA NO BRASIL: UMA VISÃO HISTÓRICA</b> .....	15
2.1 MÉTODOS E CONCEPÇÕES DE LEITURA NA ESCOLA .....	19
2.1.1 O Desenvolvimento da Linguagem Escrita na Criança.....	23
2.1.2 Dificuldade de Aprendizagem .....	25
2.2 A LEITURA DE CONTOS .....	27
2.3 O QUE É LER? .....	32
<b>3 A LEITURA COMO AVALIAÇÃO</b> .....	35
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	38
4.1 O OLHAR DOS ALUNOS .....	38
4.2 O OLHAR DOS PROFESSORES .....	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48
<b>APÊNDICES</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual muito tem se discutido sobre leitura, por ser um tema importante para o desenvolvimento e organização da construção do conhecimento. Entende-se que a leitura é indispensável para a aprendizagem dos cidadãos, pois através da mesma é possível enriquecer o vocabulário, desenvolver a oralidade e a escrita, melhorar e ampliar, conseqüentemente, a visão de mundo, além de criar novas possibilidades de interpretação.

Sabe-se que a escola se constitui como o melhor espaço social para desenvolver tal competência, promovendo o saber de forma sistematizada pelo conhecimento histórico-social e cultural produzido pelo homem. Desta forma, entende-se que para formar leitores e desenvolver a competência leitora é preciso que as escolas incentivem e desenvolvam no aluno o hábito pela leitura que não é tarefa fácil, porém tem que ser prioridade nas instituições de ensino na formação do leitor, também é preciso criar meios para a família atuar conjunta e efetivamente com as escolas, incentivando seus filhos a lerem e gostarem cada vez mais da leitura, principalmente por que ela é de fundamental importância para as crianças desde pequenas desenvolverem o hábito pela leitura.

Segundo Carvalho (2010, p. 03), “a leitura é um processo que vem se formando e incorporando no cidadão independente de sua idade”.

Desta forma, busca-se refletir acerca do seguinte problema: Como despertar o hábito da leitura nos alunos da educação infantil? Está é uma questão preocupante já que muitos alunos no Ensino Fundamental apresentam dificuldades de leitura. Cabe apresentar aos alunos que a leitura é dinâmica e possui uma interligação com todos os elementos estudados na escola.

Partindo dessa premissa, destaca-se o baixo rendimento nas estatísticas, as quais mostram que cada dia mais os alunos saem do Ensino Fundamental e Médio sem o domínio mínimo para a leitura e a escrita de forma eficiente. Portanto, surgiu o interesse de trabalhar o seguinte temática aqui abordada, com o trabalho intitulado: A leitura na Educação Infantil, investigando como vem sendo trabalhada a leitura no Educação Infantil II tendo como espaço uma escola pública situada no distrito de São José do Itaporã, município de Muritiba - Ba.

Sendo assim, o trabalho em questão tem como objetivo geral: Investigar como está sendo trabalhada a leitura na educação Infantil I e II na escola. E como objetivos específicos: Constatar se há na escola um ambiente adequado para as aulas de leitura na Educação Infantil; analisar os fatores que interferem no processo de aprendizagem da leitura; quantificar as contribuições da leitura na Educação Infantil.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade que se tem de aprofundar o conhecimento sobre o a leitura na sala de aula na Educação Infantil I, e no Infantil II por ela ser determinante para o educando, sobretudo na vida na sociedade. Este deve ser um fato que mobilize as pedagogas, pois a prática move com mais influência, quando associa-se a curiosidade da pesquisa, em comum acordo com o desejo de sensibilizar-se cada vez mais com o processo ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa é de grande relevância para a instituição acadêmica, pois servirá futuramente como fonte de estudo e pesquisa. Evidenciando um entendimento mais específico, no sentido de compreender como a leitura pode ser um instrumento que viabiliza a construção de uma sociedade mais promissora.

No âmbito social, é pertinente a busca de soluções para que essas dificuldades sejam amenizadas, portanto, deseja-se formar por meio da escola cidadãos leitores e críticos e aptos a intervir na sociedade em que estão inseridos, um dos fatores principais para tal ação deve-se ao enriquecimento da leitura no cotidiano infantil.

Como pressupostos metodológicos para o desenvolvimento do seguinte projeto de pesquisa foram utilizadas observação, questionários, entrevistas, análise de conteúdos e artigos. No tocante às referências realizou-se pesquisas bibliográficas que coletassem autores importantes, relatórios de especialistas e pesquisas eletrônicas com o intuito de dar subsídios de análise aos pontos questionados.

Para Goldenberg (1997, p. 36) “a utilização do método bibliográfico vem acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido”.

Passada a fase do levantamento das informações, todos os materiais levantados foram analisados, e “analisar os dados significa de uma maneira geral ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais

informações disponíveis” (LUDKE, 1986, p. 45). É nesse sentido que a tarefa de análise implica primeiramente na organização de todo o material para depois se traçar relevâncias e pontos significativos de cada um deles. Para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa o método bibliográfico é uma análise qualitativa, crítica e discursiva do tema em questão.

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública, situada na zona rural, em São José do Itaporã, município de Muritiba-Ba. Uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória, tendo como população 2 professores de 40 horas da educação infantil I e II amostra foram 42 alunos com idade de 04 e 05 anos da educação I e II e os instrumentos da coleta de dados foram observação do ambiente, entrevista com os alunos do infantil I e II com cinco questões objetivas e questionários para 2 professores, com carga horária de 40 horas, com seis questões subjetivas da educação infantil I e II.

O estudo está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata da introdução ao tema trazendo os objetivos, a justificativa e a metodologia utilizada. O segundo capítulo faz um breve caminhar na visão histórica da leitura no Brasil, abordando as concepções de leitura, o desenvolvimento da linguagem escrita na criança, as dificuldades de aprendizagem e a leitura de contos. O terceiro capítulo aborda as implicações da concepção de leitura como avaliação. O quarto capítulo traz a discussão dos resultados no olhar dos alunos e dos professores voluntários da pesquisa de campo. O quinto, e último, capítulo apresenta as considerações finais sobre o tema estudado.

## 2 A LEITURA NO BRASIL: UMA VISÃO HISTÓRICA

O referencial teórico deste trabalho aborda as concepções de leitura, a visão que os autores têm do tema, debatendo a leitura do conto, suas características e importância.

A história oficial do nosso país está intimamente relacionada ao processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas brasileiras. De acordo com Bastos no período colonial poucas pessoas tinham o direito de estudar, somente a elite gozava desse privilégio, era negado o direito, aos escravos, a mulher era uma educação doméstica.

Tratando-se desse aspecto, privilegiava-se, assim uma suposta raça superior, ou seja, os que haviam invadido esta terra, que eram mais valorizados e respeitados que os próprios nativos que aqui habitavam. A estes eram disponibilizados relatos de viagens, textos autobiografados, textos manuscritos como cartas familiares e determinados documentos feitos em cartório, como por exemplo, títulos de propriedade, certidão de casamento e de nascimento.

De acordo com Bastos (1982) no livro “A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial” havia escasso material de leitura e escrita, naquela época, e este material só era disponibilizado a um pequeno grupo, seletivo, que gozava de uma excelente posição social, a exemplo dos colonizadores que invadiram o Brasil e os seus parentes, aos empregados e escravos não era reservado o direito de escrever ou ler.

Em nosso país, a história da leitura tem seu início marcado por discriminação, somente aos senhores portugueses era assegurado esse direito e aos outros era negado, tudo em nome da superioridade da raça como benfeitores e descobridores, assim permanecendo por longo período. Até meados do século XIX, praticamente, não existiam livros. O material usado nas escolas, como material de leitura eram textos autobiografados, relatos de viajantes, textos manuscritos como cartas ou documentos de cartório, a primeira Constituição do Império de 1.827, o Código Criminal e a bíblia também eram usados como material de leitura nas raras escolas que existiam.

Não existiam, praticamente, as escolas primárias, uma vez que, os escravos não gozavam desse direito, e à mulher, era oferecido um tipo de educação tida



como educação geral, com o intuito apenas, de prepará-la para as atividades domésticas.

No período Colonial, as práticas escolares eram realizadas nos engenhos e nos núcleos das fazendas por capitães, mestres-escolas e padres que eram admitidos para desenvolver esse tipo de atividade.

Na obra *A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial*, Bastos (1982, p. 92) destaca que:

De 1800 a 1807 o Brasil mudou pouco em vários setores e, no ensino, nós continuávamos a trabalhar com a gramática de Reis Lobato, imposta por D. João I, rei de Portugal, que a exigiu não só na metrópole, mas em todas as suas colônias. A partir de 1808, começaram as mudanças que se tornaram contínuas até praticamente o final do século. Nesse ano, a coroa portuguesa mudou-se para o Brasil, para fugir da perseguição dos franceses comandada por Napoleão Bonaparte. Tal fato aparentemente comum trouxe modificações para a língua falada no Brasil e, também, trouxe à tona o significado de nacionalidade e de independência.

Com a chegada da família real para o Brasil e a abertura dos portos, ocorreram transformações relevantes no âmbito das relações sociais, econômicas e culturais, surgindo assim, a necessidade da instrução para a capacitação da força de trabalho, uma vez que, o mundo além das novas fronteiras passava por grandes transformações.

A obra “*A Leitura e a escrita em pleno período colonial*” (BASTOS, 1982) afirma que a Europa foi movida por transformações sociais e políticas que levaram a burguesia a atingir o poder na França e em outras partes do mundo e nesse meio tempo aconteceu a Revolução Industrial na Inglaterra. O mundo inteiro fora afetado por mudanças profundas, tanto na sociedade quanto no campo das ideias. Os homens mudaram seu ponto de vista sobre eles mesmos, surgindo assim na Itália, o Renascimento e na França, o Iluminismo, ou seja, verdades antes confirmadas, como por exemplo: o Teocentrismo e o Geocentrismo foram totalmente descartados, ou seja, Deus como centro de todas as coisas e a teoria como centro do Universo. Nesse contexto, eis que surgem novas teorias.

Há um destaque especial para o Antropocentrismo e o Heliocentrismo, isto é, o homem, a razão como centro de todas as coisas e o sol, como centro do Universo. Com tudo isso, o Brasil não ficou imune a tais transformações, embora aqui elas tenham ocorrido de maneira mais lenta, o importante é que a sociedade sofreu

mudanças e os nobres e as igrejas passaram a exercer cada vez menos influências sobre o povo.

De acordo com Bastos (1982) com essas mudanças o Brasil sofreu grandes transformações: os nobres não exerciam um grande poder sobre o povo, surgem os livros didáticos nas escolas, permitindo o desenvolvimento da leitura, um avanço da aprendizagem possibilitando uma criança ler.

No decorrer das décadas de 20 e 50, várias reformas aconteceram no ensino, entre as quais, fora adotado o ensino multisseriado, conforme Galvão (1999, p. 09).

As décadas de 50 e 70 foram marcadas por vários métodos alternativos de ensino centrado no aluno e não mais na ação do docente. A escola pública, ao expandir-se, possibilitou o acesso à educação para a grande maioria da população.

Aconteceu também um grande avanço na produção de livros, em decorrência, o público leitor aumentaria e se diversificaria na década de 70. Assim, cada livro passa a ter um tempo menor de utilização na escola, visto que as mudanças constantes acarretariam a necessidade de utilização contínua.

No decorrer dos anos foram ampliadas as oportunidades de leituras. Diversos recursos foram inventados para facilitar o ato de ler. Com a revolução tecnológica, tais recursos, entre os quais o papel e o lápis, que vieram alterando e revolucionando o método de ensino das escolas primárias, sendo estes os recursos disponíveis, surgindo então outras alterações, a saber, a forma pela qual a criança aprende a ler e a escrever.

Conforme o que foi salientado não se fazia uma educação para formar leitores críticos intelectuais e autônomos, não se tinha o direito de escolher livros para se ler e interpretar, era reservado todo tipo de leitura na formação global da criança.

Dentro desta perspectiva, aprender a ler não encerra um fim em si mesmo, não basta memorizar os símbolos da escrita e saber juntá-los, fazendo uso, apenas, da decodificação e codificação. Entende-se que o conteúdo utilizado deve constituir-se num pré-texto para desenvolver funções de ordem cognitiva e operações mentais, bem como organizar, identificar, selecionar, analisar, diferenciar, comparar, levantar hipóteses, representar mentalmente, promover relações virtuais, além de outros que, quando bem desenvolvidos, acabarão beneficiando a criança em determinadas situações de raciocínio.

De acordo com Fouçambet (1999), em seu livro *Salto para o futuro*, para aprender a ler o não leitor deve se relacionar com os textos que leria se soubesse ler

para viver o que vive. O ambiente deve comportar-se com o não leitor, como se ele já possuísse os saberes que deve adquirir.

Assim, o ato de ler deve iniciar-se nos primeiros anos e antes mesmo de a criança ingressar na escola. Crianças que possuem pais que se debruçaram para ler para elas, em voz alta, tipologias textuais como histórias infantis, textos literários, textos jornalísticos, listas de compras, receitas, ou outros, obtiveram, conseqüentemente, maior êxito em sua vida escolar, pois desenvolveram-se com maior facilidade, pelo fato de possuírem maior familiaridade com os textos escritos.

Entretanto, pode-se observar que a grande maioria dos educandos que chegam à escola são oriundos de lares que não os incentivam a despertar o gosto pela leitura.

O processo de leitura foi concebido por muitos educadores, ao longo dos anos, como algo que se aprende através da memorização. Assim, foi ensinada durante décadas a leitura e a escrita através de uma seqüência lógica de conteúdos. Primeiro aprendiam-se as letras do alfabeto, dando-se início pelas vogais, encontros vocálicos; depois aprendia-se as consoantes, famílias silábicas, construção de palavras e frases. E posteriormente, as crianças eram consideradas como prontas para dar início à escrita de textos, ou seja, copiavam textos prontos e sem sentido.

No Período Colonial, era comum pedir que os educandos copiassem textos do tipo: “Eva viu a uva”; a frase, assim como outras do mesmo gênero, eram usadas apenas com a intenção de fazer com que a criança fixasse as sílabas estudadas, decorando-as, usando o método da repetição constante.

Para que a criança aprenda a ler, não basta que se conheça apenas o sistema de escrita, sendo primordial, conhecer as características da linguagem escrita, as quais sofrem mudanças de acordo com o gênero textual. Assim, não seria o melhor caminho continuar alfabetizando pelo método sintético, que parte das letras para as palavras, dando pistas ao aluno sobre como realizar os passos subsequentes, seguindo orientações fonológicas aos educandos pré-silábicos, que não fazem uso de um esquema, que ajude a soletrar palavras silábicas.

Atualmente de acordo o PCN, Língua Portuguesa (BRASIL, 1999, p. 15), “Apesar de apresentados com dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento”.

Ensinar a ler e a escrever ainda constitui-se em uma das tarefas mais especificamente escolares, ou seja, entende-se ser esta uma responsabilidade da escola, embora muitas crianças fracassem já nos primeiros anos de alfabetização. Preocupadas com essa realidade e buscando alternativas que minimizassem tal problema, as estudiosas Ana Taberosky e Emília Ferreiro, desde 1974, debruçaram-se em pesquisas sobre o processo de ensino-aprendizagem, objetivando mostrar que existe outra forma de encarar esse problema que acaba atingindo tanto o educando quanto o educador.

As dificuldades expressa no processo de leitura e de escrita constituem-se em fatores que interferem negativamente para a aprendizagem do educando. As crianças aprendem a ler quando participam de atividades que envolvem o uso da escrita, juntamente com outras pessoas que já dominam esse conhecimento. Dificilmente, uma criança aprende a ler quando espera-se dela o fracasso. É mais difícil, ainda a criança conseguir aprender a ler se ela não encontrar finalidade na leitura.

Entretanto, estudos na área da Educação Infantil afirmam que, quanto mais próximos às práticas pedagógicas estiverem das práticas sociais, mais as crianças verão sentido no que estudam e escrevem, estabelecendo relações que, conseqüentemente irão desenvolver a imaginação, tornando-se, sobremaneira produtos culturais.

## 2.1 MÉTODOS E CONCEPÇÕES DE LEITURA NA ESCOLA

É grande o campo de estudo sobre o tema da formação do leitor. Devido a importância do tema, muito educandos e educadores tentam encontrar soluções a respeito do problema, em relação à leitura como fonte de prazer no ambiente escolar, tal problema tem provocado cada vez mais inquietações em relação à leitura. Essas inquietações justificam-se porque a leitura não se restringe a uma questão pessoal é também um fator principal de inclusão ou exclusão social.

A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para cultura própria do leitor, talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer. (SOLÉ, 1998, p. 46)

Portanto, a escola tem de proporcionar aulas de leitura que possam contribuir na formação de leitores. A aprendizagem da leitura constitui-se um fator decisivo para o desenvolvimento do educando, para a abertura de novos horizontes e o crescimento do cidadão e cidadã. Portanto, torna-se necessário uma reflexão sobre o tema, sendo importante superar algumas concepções sobre a aprendizagem inicial da leitura.

Para Ferreiro e Teberosky (1985, p. 18), "tradicionalmente, conforme uma perspectiva metodológica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos". A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do "melhor" ou "mais eficaz" método, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: o método sintético, que parte de elementos menores que a palavra, e o método analítico, que tem como ponto de partida as palavras ou de unidades maiores.

Em defesa das respectivas virtudes de um e de outro, originou-se uma discussão registrada em extensa literatura; literatura esta que tanto faz referência ao aspecto metodológico em si, como aos processos psicológicos subjacentes.

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave desse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. "Durante muito tempo ensinou-se a pronunciar as letras, estabelecendo as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 19). Os métodos alfabéticos mais tradicionais abandonam essa postura.

Posteriormente, sob a influência da linguística, surge o método fonético, propondo que se parta do oral. A unidade mínima de som da fala é o fonema. O processo, então, consiste em iniciar pelo fonema, associando a sua representação gráfica. É preciso que o sujeito seja capaz de isolar e reconhecer os diferentes fonemas de seu idioma, para poder, a seguir, relacioná-los aos sinais gráficos.

Já, "para os defensores do método analítico, a leitura é um ato global e ideovisual" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 20), sendo importante o reconhecimento global das palavras e orações para posterior entendimento dos componentes. Entender e reconhecer a importância dos métodos, suas interpretações e entendimentos por parte dos educadores é de relevante importância para uma sólida e estruturante aquisição da leitura e escrita.

Vários são os autores que ressaltam a importância dos primeiros contatos das crianças com a leitura. Para Lopes (1995, p. 11), "antes mesmo de a criança ingressar na escola, ela já lê o mundo quando estabelece ligação afetiva com objetos, situações e pessoas que estão a sua volta. O ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e o leitor é visto como aquele que vai decodificar letras e sinais".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos apontam que "é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura" (BRASIL, 1997, p. 55) como a de que ler seja simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão do que foi lido uma consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada, a escola tem produzido grande quantidade de "leitores" capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

A leitura na perspectiva de Lopes (1995, p. 12) é tida como "um aprendizado espontâneo e constante com as experiências que adquirimos em contato com o mundo intensificando o pensamento que a criança já traz para a escola".

Neste contexto, Kleiman (2002, p. 55) reforça a relevância da importância do "engajamento do conhecimento prévio para a aquisição da aprendizagem da leitura". Ferreiro e Teberosky (1985, p. 22) afirmam que:

quando se analisa a literatura sobre a aprendizagem da língua escrita se encontram, basicamente, dois tipos de trabalhos: os dedicados a difundir tal ou qual metodologia como sendo a solução para todos os problemas, e os trabalhos dedicados a estabelecer a lista das capacidades ou aptidões necessárias envolvidas nessa aprendizagem.

Nas suas considerações, em seu texto, as autoras acima citadas consideram para uma real aprendizagem a leitura um meio termo entre os dois trabalhos.

Quando as autoras consideram a literatura psicológica dedicada a estabelecer a lista das aptidões ou habilidades necessárias para aprender a ler e a escrever, vê-se aparecer continuamente, as mesmas variáveis: lateralização espacial, discriminação visual, discriminação auditiva, coordenação viso-motora, boa articulação, etc. Dos trabalhos que tentam sintetizar essas investigações parciais surge uma visão bastante curiosa: todos esses fatores se correlacionam positivamente com uma boa aprendizagem da língua escrita. Das suposições

tiradas, percebe-se que na teoria de Piaget, um semelhante estímulo não é o mesmo a menos que os esquemas assimiladores à disposição também o sejam.

A literatura infantil é uma poderosa ferramenta de interferência na prática escolar, apresentando-se com um importante caráter de liberdade e criatividade infantil, contribuindo vigorosamente e estimulando o imaginário da criança. É um espaço a ser desenvolvido e preservado conduzindo as crianças do conhecimento de si próprio e da realidade em que vivem. A convivência de forma prazerosa e lúdica com os textos literários favorece na constituição do espírito crítico, na formação do leitor, e desperta o seu desejo de transformar a realidade, de ser e de estar inserido no mundo.

A escola poderá contribuir com as práticas de leitura e literatura resgatando a criatividade dos indivíduos no que tange a linguagem verbal durante o seu desenvolvimento. Se faz necessário por isso, que os professores conheçam as obras literárias destinadas a infância vivenciando os processos metodológicos para compreender a literatura infantil na sua função lúdica cognitiva, estabelecendo relação entre literatura e jogo; o texto e a imagem; o concreto e o verbal; a literatura e as linguagens artísticas, culturais, literárias e empíricas.

Entende-se que as práticas escolares tem mostrado uma atividade de leitura que desliza e resvala, camuflada por diversas práticas, a escola no seu cotidiano, reserva as estratégias de construção do conhecimento, travando um embate entre o leitor e a língua é comum afirmar que os alunos não gostam de ler, ou não sabem ler em virtude disso, poucos professores tem o potencial de discernir a questão da leitura na formação de leitores, poucos percebem a importância do hábito de ler, vendo apenas o valor programático, a leitura simplesmente restrita ao livro didático. É preciso que se construam técnicas de abordagem e se estimule e reserve ao aluno o tempo de ler sem cobrança, sem imposição do dever, entende-se que o

Subtende-se na citação acima que os resultados dos testes não conseguiram dar o apoio às teorias de déficits perceptual como causa das dificuldades de leitura, e que o grupo de crianças normais também falham, deve-se analisar esse problema que interfere no ensino-aprendizagem, com muito cuidado, buscando medidas que apresentem as limitações no campo das habilidades de desenvolvimentos de dificuldades.

### 2.1.1 O Desenvolvimento da Linguagem Escrita na Criança.

O desenvolvimento da escrita, na Educação Infantil é um processo que depende muito do que a criança é do ambiente em que vive e de sua relação com outro ambiente. São fatores profundamente interligados e deles dependem o seu desenvolvimento, seu ritmo de forma integral da criança.

É preciso demonstrar limites firme para que a criança se sinta protegida, de um espaço onde a mesma se sinta livre para brincar, agir e pensar, de forma errada ou certa e deve ser ela mesma o agente construtor no seu desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita, sem receber ensinamentos prontos. O que leva o desenvolvimento da escrita na criança é que ela consegue enfrentar uma série de problemas referentes à escrita que esteja a sua altura e de sua capacidade de entendê-la, ou seja, a socioefetivo é de grande valor para ela. Pois, a criança quando chega à escola, vêm providas de alguns conhecimentos prévios, algumas já sabem fazer rabisco e garatujas e ao mesmo tempo elas já reconhecem que a escrita serve para escrever coisas bonitas, divertidas e isso é muito importante.

Essas crianças são as que foram alfabetizadas na escola, mas começaram a se alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato com a língua escrita. Algumas práticas escolares não lhes permitem apropriar-se da escrita e resultam em seres produtores de signos. Para chegar ao domínio das palavras escritas a criança, precisa entender a concepção que cada uma das letras é representada por meio da escrita de forma individual.

Na maioria das vezes, ingressam nas escolas infantis e creches, crianças que ainda não frequentaram uma instituição, por isso talvez estejam em sua primeira experiência com o lápis, o papel, livros, revistas ou outros materiais. A partir daí e que se deve começar o trabalho de intervenção para que as crianças alcancem o nível pré-silábico.

Para que isso aconteça é preciso que o professor faça um trabalho de intervenção nos diversos níveis com essas crianças, isto com certeza as farão alcançar no final do ano um nível de alfabetização.

As crianças são fáceis de alfabetizar, desde cedo, descubrem no contexto sociais que a escrita é algo importante que merece ser reconhecida como objetos da realidade de seus melhores esforços intelectuais.

Emilia Ferreiro e Ana Teberosky afirmam que:



É evidente que o método será tanto mais eficaz quanto mais o sistema da escrita estiver de acordo com os princípios alfabéticos, isto é, quanto mais perfeita seja a correspondência do som letra (1999, p. 24).

As autoras afirmam que quando a criança atinge a hipótese alfabética é quando entende que, na escrita, as letras representam os sons da fala e que essas escrituras são regras sociais, então pode-se dizer que estas crianças se alfabetizaram.

É através da leitura nas aulas de língua portuguesa proposta as crianças, pelo professor que estas avançam significativamente no quesito abordado. Alfabetizar corresponde a compreender para que serve os sinais da escrita (letras e sinais) e de que forma elas se articulam na escrita, sendo este conceitual (e não perceptivo).

O professor ao receber essa criança precisa estar preparado para acolhe-lo de forma prazerosa, para que ela tenha um processo de adaptação, no grupo que irá ingressar. Deve-se levar em consideração as atividades didáticas e as características do grupo de forma a interagir e estimular-la para aprender e crescer. Uma criança que cresce num ambiente alfabetizado recebe no cotidiano acesso livre e consiste de leitura, enquanto que esta é inacessível para aqueles que crescem em ambiente com baixos níveis de aprendizagem. E a escola que se cala para aqueles que mais precisam saber para que serve a língua escrita não cumpre sua função social.

Sendo a escola um espaço privilegiado ela não pode se calar diante de preciosa informação que discrimina, porque é impossível obter essas informações para dar atos sociais que se convertam em funcionalidades. Em grande parte das escolas apresenta-se a escrita como um “objeto em si”, vale ressaltar que é muito importante quando a criança cresce que ele saiba na realidade de que maneira esse saber constituído e construído institucionalmente no ambiente escolar irá influenciar na sua vida adulta, podendo obter-se como fundamentos: Prestígio social? Condições de trabalho? Ou Acesso à mundo desconhecidos?. “A escrita é importante na escola, porque é importante fora da escola, e não o universo” (Ferreira, 1999. p. 19-20)

### 2.1.2 Dificuldade de Aprendizagem

Sabe-se que muitas crianças não conseguem avançar na leitura e escrita porque tem dificuldade de aprendizagem, muitas crianças apresentam uma aprendizagem mais lenta ao realizar as suas tarefas.

As semelhantes dificuldades que atingem muitas crianças é fruto de maltrato de pais que não tem sensibilidade, amor, carinho, e também apresentam dificuldade na aprendizagem. Outros fatores que podem interferir no ensino-aprendizagem destas crianças podem ser: problemas de visão ou audição provocando baixo índice de aprendizado. Dockrell (2000, p. 44) sinaliza que:

As crianças que não aprendem não são necessariamente não inteligentes: podem estar simplesmente respondendo a um ambiente familiar ou a uma instituição educacional que não lhe dão muitas opções.

Desta forma sabe-se que essas crianças apresentam uma grande diferença entre as habilidades na área de dificuldade. Sendo assim, essas crianças apresentam grandes problemas no desempenho, desenvolvendo portanto, dificuldade de aprendizagem em todas as áreas de leitura e escrita.

Cabe ressaltar que dificuldades no aprendizado ocorrem devido a vários fatores. Um deles ocorre quando a criança apresenta dificuldades cognitivas, fazendo com que as habilidades destas crianças se tornem mais difíceis. Quando uma criança está passando por dificuldades em leitura, devemos procurar a natureza desse problema, relacionado às dificuldades da leitura no processo cognitivo. É muito provável que a diferença na habilidade da criança na leitura tenha grande causa na diferença de reconhecimento fonológico.

Não se pode medir a causa da dificuldade de aprendizagem nem comparar crianças com dificuldades e crianças normais da mesma idade. Ao realizarmos certos testes com crianças com dificuldade de aprendizado com outras de aprendizado eficiente, é necessário comparar mais de um grupo. Nesse sentido, é de suma importância escolher um grupo e compara-los com outras crianças com dificuldades de aprendizado. Se quisermos saber a diferença entre um grupo de crianças com dificuldades de leitura e um grupo de crianças que lê, então podemos compara-las, pois queremos testar uma hipótese sobre a consequente causa de dificuldade de aprendizado. Na maioria das vezes, não podemos levantar hipóteses nem fazer comparações direta entre um grupo ou outro de aprendizado diferente

apenas pela idade. Diante disto, as crianças que tem dificuldades no domínio da linguagem geralmente tem dificuldade de leitura.

Essas dificuldades de desenvolver e de decodificar estão relacionadas às dificuldades em relacionar, fazer a relação entre sons e letras. Neste sentido as crianças precisam compreender o que decodificam. A idade também é um dos fatores que interferem na aprendizagem quando a criança atinge certa idade, sendo classificada numa série baixa, pois a mesma se sente inferiorizada no processo de aprendizagem da leitura. É preciso fazer uma intervenção dirigida a esse tipo, pode ser que se tenha alguma melhora no desenvolvimento da leitura, isso não significa uma transformação sob a dificuldade da leitura. A diferença de desenvolvimento de leitura não será causa dessas dificuldades mais sim o resultado dessas habilidades.

Para Dockrell e Mashame:

A evidência empírica não oferece apoio para a visão de que as dificuldades de leitura são causadas por um déficit em processamento visual. Uma razão a persistência da hipótese do déficit percentual, é que os estudos com elaboração metodológica deficiente continua a relatar entre as crianças que apresentam dificuldade da leitura e as normais. Como foi discutido anteriormente, encontrar uma diferença a favor dos leitores normais com correspondência por idade não é suficiente para estabelecer um fator como uma causa de dificuldade de leitura. Os estudos empregam crianças do grupo de controle da mesma idade continuam a falhar ao procura encontrar evidencias de déficit perceptual. (2000, p. 99)

Subtende-se na afirmação citada que os resultados dos testes não conseguiram dar apoio às teorias de déficits como causa das dificuldades de leitura, e que o grupo de crianças normais também falham, deve-se analisar esse problema que interfere no ensino-aprendizagem, com muito cuidado, buscando medidas que apresentem as limitações no campo das habilidades de desenvolvimentos de dificuldades.

## 2.2 A LEITURA DE CONTOS

O conto como narrativa curta também se constitui uma história. De acordo com Gottib (1995, p.10), a história é bem mais antiga que a necessidade de sua explicação. Para a autora sob o signo da convivência, a narrativa, sempre reuniu pessoas que contavam e que ouviam. Em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos se reuniam para transmissão dos mitos e rituais da tribo.

Há três concepções de leitura da palavra conto que Julio Cortazar (1975, p.17), utiliza no seu estudo, sendo eles, 1 relato de um acontecimento; 2 Narração oral e escrita de um acontecimento; 3 Fábula que se conta a criança para diverti-la. Todas, segundo a autora apresentam um ponto em comum: São modos de ler e de contar alguma coisa.

Toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesses humanos na unidade de uma mesma ação. Essa análise parte da lógica ao examinar as possíveis narrativas. (CORTAZAR, 1995)

Afirma Claudio Bremond que toda narrativa apresenta lógica, pois:

Há uma sucessão de acontecimentos, pois há algo sempre a narrar. Faz parte do interesse humano, pois é material do interesse humano, de nós, e para nós, acerca de nós em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significações e se organizam em uma série temporal estruturada. (1995. p. 11)

Essa lógica organizacional pode desencadear no aluno uma possibilidade também de o mesmo organizar seu raciocínio lógico dentro de uma mesma ação da leitura do conto em uma sucessão de acontecimentos. A partir daí o aluno se sentir mais interessado em querer ler.

A formação de leitor não é tarefa fácil, pois a maioria dos alunos hoje não aprecia a leitura como necessária, talvez por não compreender o efeito da mesma em suas vidas.

É importante ressaltar que, para formar leitores, deve-se antes de tudo ter paixão pela leitura. Para Bellenger, a leitura se baseia no desejo e no prazer. E só pode sentir prazer por aquilo que somos atraídos, a esse respeito o autor questiona da seguinte maneira a leitura e os seus fundamentos:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Essa resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, desperta-se para uma ficção, abrir o parâmetro do imaginário. (BELLENGER, 2002, p.15)

Nota-se que a leitura está nesse sentido, vinculada a uma observação mais direta para com a vida. A sua eficácia está vinculada a sua valorização que presenteia ao aluno o interesse pelo gosto de querer ou não ler. A leitura, vinculada às ações vividas pelos alunos. É inerente ao processo, comunicativo da decifração das palavras bem como de uma atividade prazerosa, isto porque ninguém gosta de

fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não se consegue extrair do sentido. Essa é, portanto, uma boa característica da tarefa de ler em sala de aula. Bellenger, ainda afirma que para maioria dos alunos, a leitura é tarefa difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

Para Kleimam (2002, p. 16), é importante se pensar na ideia de que:

Para a maioria dos alunos a leitura não é aquela atividade como a do aconchego do lar, no canto preferido, que permitem nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outro mundo, e que tem suas primeiras associações, mas histórias que a nossa mãe nos lia antes de dormir.

Subtende-se, no trecho acima que muitos alunos se decepcionam com as leituras de textos prontos, fora da realidade, fora do aconchego familiar. Essa ideia amadurecida pelos alunos fará com que eles percebam o gosto pela leitura. A autora Kleimam (2002) afirma também que as práticas desmotivadoras podem ser chamadas de perversas porque apresentam consequências nefastas; estas são de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem.

Conforme o exposto, o professor precisa proporcionar aos seus alunos práticas inovadoras e motivadoras, oferecer aulas prazerosas que não sejam enfadonhas, para que o aluno não perca o gosto pela leitura. Gregorin Filho (2009, p. 79) salienta que: “As rodas de leitura e contação de histórias podem ser um grande passo para discussões entre alunos e o docente, fortalecendo vínculos.”.

De acordo com o autor nota-se que o ambiente escolar tem que ser um espaço agradável e que o professor seja o mediador para que os alunos se sintam valorizados e respeitados, que através da história, os laços de amizade sejam fortalecidos entre o professor e o aluno. Portanto, a escola como espaço privilegiado que é não pode abrir mão de um de um papel tão importante na formação de leitores, não ensinando os alunos a decifrar palavras, mas incentivando cada vez mais o gosto pela leitura e transformando-os em verdadeiros leitores. É indispensável entender como a leitura é importante, ler pelos símbolos, esse ato deve alargar as faculdades intelectuais e ensina-las a compreender a função da leitura. Para que elas reconheçam esta importância depende muito de como o professor desenvolve a leitura na sala de aula com seu aluno, transformando-o os conhecimentos em saberes, estimulando no processo ensino-aprendizagem.

Fanny Abramovich salienta que: “Contar história é uma arte [...] é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido, com o que é sentido por isso nem é remotamente declamação ou teatro [...] Ela é o uso simples e harmônica da voz.” (1997, p.18) Da mesma forma a autora adverte:

Ouvir história é um momento de prazer, de gostosura, de divertimento dos melhores... É encantamento maravilhamento e sedução [...] e ela é como pode ser, ampliadora de referências por leitura colocada, inquietude provocando emoção deflagrada, suspense a serem resolvidos torcidas desenfreada, saudades sentida, lembranças, caminhos novos, apontado, sorriso, gargalhada, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas, mais que uma boa história. (1997 p. 24)

Nota-se que a contação de história é muito importante no cotidiano das crianças na sala de aula. Uma narrativa bem contada leva a criança a viajar no mundo da imaginação, despertando momentos prazerosos, boas gargalhadas, saudade, além de abrirem nos caminhos da aprendizagem.

Para a autora, Frantz (2005, p. 16), “A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajuda e encontra respostas para inúmeras ligações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade das coisas”.

Desta forma entende-se que a literatura infantil amplia a capacidade na formação do leitor, ajudando a criança a encontrar as resposta para inúmeras indagações, despertando a fantasia e questionamentos mesmo no brincar.

A mesma autora (2005, p. 67) afirma que, “os contos de fadas são narrativas cuja origem se perdem no tempo e que vem atravessando século após século, sempre encantando seus leitores”.

Nesse contexto os contos de fadas atravessam gerações, encantando e divertindo sem perder a sua essência, sendo eles muito importantes na formação do leitor no período infantil.

Lajolo (2002, p. 23) salienta que, [...] “a literatura infantil brasileira só veio surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do século XIX responde registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a criança”.

De acordo com a autora a literatura infantil no Brasil ocorreu há pouco tempo, pois, só veio, aparecer de verdade aqui no século XX, a qual veio para encantar as crianças, levando-as a interagir no meio em que vivem, uma vez que estas obras

devem ser compreendidas pelas crianças que já sabem ler ou mesmo por aquelas que apenas escutam as narrativas, pois a literatura infantil é uma ferramenta para desenvolver a capacidade e o interesse em analisar o mundo pela criança. Desta forma, no mundo contemporâneo a literatura infantil é conduzida, às vezes, de modo que não se espera a literatura.

O ato de contar as histórias de contos por ser uma atividade lúdica, possibilita a imaginação da criança o que lhe dar uma sensação de prazer e contentamento. Também ajuda a mesma na sua formação, a desenvolver a oralidade, a capacidade de reflexão, a escrita e estimula a escuta.

Conforme Bajard (2002, p. 185 *apud* SOUZA, 2009, p. 33)

Através da transmissão vocal a criança descobre não só a especificidade da língua escrita – precisão do léxico e peculiaridades da sintaxe – mas, principalmente, a sua função. Ao escutar várias vezes o mesmo texto, ela vai descobrir, pela repetição das mesmas palavras a sua permanência. O caráter fixo do texto vai proporcionar uma referência cultural e linguística da qual ela poderá se valer. Assim, aqueles que ouvem repetem seguidamente palavras, expressões e fragmentos de textos, imitando desde modo, os adultos que os transmitiram.

A criança tem facilidade de reproduzir o que ver e ouve dos adultos, ela assimila, absorve e aprende com esta convivência. Esse contato com o adulto permite que a criança aprenda a cultura e as variações linguísticas as quais ela está inserida.

Sendo assim quando o docente se propõe a ler uma história para seus alunos, ele não deve ler por ler, mas ele precisa transmitir a emoção que aquela determinada história traz.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples da voz (ABRAMIVICH, 1997, p. 18).

Além de promover emoções, as histórias promovem a imaginação e a fantasia. Segundo a autora contar história é uma arte e das mais lindas, mas para isso, cabe ao professor ao contar ou ler histórias, utilizar-se de métodos que auxiliem no entendimento da criança, como atentar-se a voz clara na qual sua

intensidade depende da própria história e do local que a história é contada. Ou seja, levantar a voz quando for preciso, ou falar baixinho se o texto pedir, seguir corretamente todos os pontos e vírgulas para que haja compreensão. O professor precisa envolver-se de tal maneira na história para que os ouvintes realmente sintam-se atraído pelo enredo.

Neste mesmo contexto José (2007, p. 60 *apud* SOUZA, 2009, p. 26) aponta ao fato da literatura infantil ser:

[...] uma arte que diverte, educa, ensina, desperta a criança para o espírito ético, para a verdadeira cidadania e, sobretudo, estimula a leitura literária. Mas tudo isto acontece de forma, simbólica, nunca em tom didático e discursivo. A história tem o poder mágico de ligar as pessoas pelo fio a narrativa. É uma troca com muitos truques, que prendem, amarram, no bom sentido [...].

A importância da história está em causar no leitor ou no ouvinte um efeito singular, não pode, portanto, ser enfadonho, cansativo, deve causar muita excitação, emotividade, prazer e prender a atenção de quem está lendo e ouvindo. Quando há uma ação e uma reação, isso demonstra que este processo de inter aprendizagem, está promovendo uma atitude de confiança mútua, o que estimula a corresponsabilidade nas ações.

Abramovich, (1997, p. 17) alerta:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e a tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve- com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Diante do que foi salientado, é preciso criar o hábito da leitura na sala de aula. Garantir um tempo na escola para ler. A contação de história tem um grande poder de provocar reações das mais diversas. Enquanto as crianças ouvem os contos, elas se desenvolvem e aprendem, suscitam o imaginário e manifestam suas emoções. São notáveis os benefícios que os contos trazem na vida de uma criança. Através de uma história a criança pode descobrir novos horizontes.

### 2.3 O QUE É LER?



Ler é questionar o escrito como tal. A partir de uma expectativa real (necessidade/ prazer) numa autêntica situação de vida. Questionar um texto é fazer hipóteses de sentido, a partir de indícios levantados e verificar essas hipóteses. Tal questionamento se desenvolve através de toda uma estratégia de leitura, que nada tem a ver com a decifração linear e regular, que parti da primeira palavra, da primeira linha para chegar a última palavra da última linha.

É lendo que se tornar leitor e não aprendendo primeiro para ler depois. Não é legítimo instaurar uma defasem, nem no tempo, nem na natureza da atividade entre “aprender é ter” é “ler”. Colocada numa situação de vida real em que precisa ler o texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer), cada criança ou adolescente mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar novas estratégias para concluir a tarefa.

Não se ensina a uma criança e a um adolescente a ler, são elas quem se auto ensinam com a ajuda de seus colegas e das diversos instrumentos da aula, mas também a dos pais e de todos os leitores encontrados. Cada criança e cada adolescente possuem seus próprios processos, suas etapas, seus obstáculos a vencer. A motivação lhe vem da interação com seus colegas com quem estão trabalhando. Porém são os alunos que desempenham a parte essencial da atividade de seu aprendizado.

Nessa perspectiva, ensinar não é mais inculcar ou pré-dirigir, mas, sim, ajudar alguém em seus próprios processos de aprendizagem.

A parte “parte ajudante de professor” não desaparece, longe disso, mas sua natureza é outra: a) fazer com que a vida da aula proporcione as crianças situações de leitura simultaneamente efetiva e muito diversificada, b) ajuda-las a “interrogarem o escrito”, procurando sentindo, hipóteses, a partir de indícios e verificação, c) ajuda-las a elucidar suas próprias estratégias de leituras (como fazem).

Na obra *O que é leitura*, Martins (1994) destaca que.

[...]Também as intervenções interdisciplinares vem evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e das expressões do homem e das suas circunstancias da vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: Aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo (1994, p.12)

Fica evidente, a partir desta citação, que a leitura não é “mera decodificação de signos linguísticos”, mas, sim, um processo de interação com o mundo. Essa nova concepção de leitura favorece um diálogo entre o leitor e o objeto lido, trata-se de uma experiência individual possível de ser usufruída por todos. A leitura varia de um leitor para outro e, para um mesmo leitor, de um texto a outro, e, ainda, para um mesmo leitor e um mesmo texto, de um objeto de procura a outro, pode-se, em momentos diferentes, procurar informação diferente num mesmo artigo.

Ler é ler escritas reais, que vão desde um nome de rua, de placas, até um livro, passando por cartaz, embalagem, jornal, panfleto, etc., no momento em que precisa realmente deles numa verdadeira situação de vida, “para valer” como dizem os adolescentes. É lendo, desde os primeiros anos de escolaridade, que alguém se torna leitor. Aprende-se a ler a medida que se vive. Existem as leituras formais que são praticadas nos bancos das escolas e as leituras de mundo que se desenvolvem na interação homem/mundo. Como afirma Paulo Freire, em seu livro: *A importância do ato de ler*.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não passa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1993, p. 11).

A promoção da leitura, dentro do contexto definido por Paulo Freire, confere ao homem a sua identidade de ser leitor do mundo, pois a verdadeira leitura é aquela que permite ao ser a compreensão do mundo que o rodeia. Sendo assim, cabe ao leitor fazer valer o que se aprende durante o ato ler, para que sua criticidade seja ampliada diante de textos diferenciados.

Segundo Lajolo, “em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (2002, p. 7). Desta forma, ou o texto atribui sentido ao mundo ou fica sem sentido algum.

No entanto, a leitura literária, a luz das ideias de Lajolo (2002), possui encaminhamentos mais tradicionais como, por exemplo, a contextualização dos textos (o que dá acesso a sua historicidade), inscrição dos principais juízos críticos que foram se acumulando sobre este (o que faz o aluno perceber a complexidade, da instituição literária) e, ainda, uma análise acerca do cotidiano do texto e do aluno,

caracterizando os impasses individuais de cada um, mediante a leitura de cada texto. Para isso Lajolo afirma que “O professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos.” (2002, p. 21).

Entende-se também que a leitura de obras literárias é de fundamental importância para a formação leitora das crianças e para seu desenvolvimento. Uma vez que, ao longo do tempo, a literatura tem sido uma importante mediadora entre o indivíduo e a sociedade. Através dela, o homem aprimora as relações com os outros, consigo mesmo e com o mundo sociocultural. Por caracterizar-se numa expressão essencialmente humana, não se pode ignorar a arte literária também expressão cultural social e histórica.

No dia a dia de muitas escolas e em diferentes lugares do Brasil, os professores são confrontados com perguntas como está e tantas outras que dela decorrem: por que muitos educando e educandas, apesar dos esforços da escola, continuam sem gostar de ler? Por que outros, ao contrário, formam-se leitores ao longo de suas trajetórias escolares? Como selecionar textos educados aos educados? Como desenvolver práticas que aumentem as competências dos leitores em formação (as crianças), e criem o desejo de ler?

Todas essas perguntas são muito pertinentes e estão estreitamente ligados a problemas enfrentados por todos os envolvidos no ensino da leitura e na formação de leitores. Quando se tem respostas claras e elas, o trabalho de tornar possível o aprendizado da leitura fica muito mais fácil e adequado. No entanto, parece ser difícil encontrar essa resposta se não houver reflexão prévia sobre duas outras perguntas: o que é formar leitores? para que formar leitores?

De acordo com Osakabe no livro “Ensino da gramática e ensino da leitura” (1997), a leitura é um processo de interlocução entre leitor-autor mediado pelo texto. Encontrando com autor ausente, que se dá pela sua palavra escrita, ou seja, ler é interpretar e compreender o que o autor quer transmitir tanto nas linhas como nas entrelinhas, é um ato que, de tal modo, está intrínseco ao cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, acaba-se acreditando ser ela algo “natural”, “sempre igual” e que não necessitaria de qualquer problematização ou reflexão. Sim, ao formar leitores tende-se a pensar se esta prática seria satisfatória ao fazer com que os educando e educadas sejam capazes de ler sem apresentar dificuldade. Todas essas certezas, porém, deixam de existir se, observar e discutir o que outros

educadores fizeram em outros momentos da história do ensino da leitura. Percebe-se, então, que, em outro tempo e em outro espaço, as coisas deram-se de modo diferente, não se entendia a formação de leitores do mesmo modo que se entende hoje.

Busca-se, aqui, focalizar através do tempo de maneira concisa, essas práticas “antigas” de ensino de leitura. Acredita-se que, refletindo sobre o passado, pode-se possibilitar àqueles envolvidos no ensino da leitura, um ocasião para refletir sobre o presente e o futuro, incitando-os a se perguntarem: o que é formar leitores? Para que formar leitores?

### 3 LEITURA COMO AVALIAÇÃO

A leitura como avaliação é uma prática que inibe, ao invés de desenvolver a competência leitora. De acordo com Kleeman (2004), com esta prática de leitura o aluno perde o gosto pela leitura, ao prestar atenção à forma, a pronúncia e a vários fatores, para atender as exigências em voz alta ou até mesmo a leitura silenciosa.

O professor tem que proporcionar aulas de leitura prazerosas que possa despertar no aluno o gosto de ler desde cedo. O objetivo de qualquer aula de leitura tem que contribuir para o aluno, meios que estimule e desenvolva a sua função social do leitor. Quando o aluno descobre que já sabe ler, o docente torna-se como importante na sua vida. Sendo assim os docentes tem que demonstrar, o gosto pela leitura e proporcionar aulas prazerosas na sala de aula. O professor que não gosta de ler, jamais conseguirá fazer com que os seus alunos desenvolvam o hábito de ler e o gosto pela leitura.

Sendo assim cabe à escola desenvolver no aluno a competência leitora e criar meios para que os alunos, desenvolvam desde cedo o hábito de leitura, sem deixar que a criança perceba a leitura como algo enfadonho e cansativo. De acordo com Silva (1998), sem docentes que leiam que gostem de livros, que sintam prazer pela leitura dificilmente conseguirá, transformar uma sociedade leitora no cotidiano da sala de aula.

Dessa forma, no mundo de modificações, acredita-se que só a leitura seja capaz de garantir a sobrevivência e a permanência da literatura enquanto arte livre e autêntica. Diante disso, entende-se que no Brasil, a formação de leitores está vinculada às perspectivas da escola, visto que as mesmas, além da família, interferem de forma significativa na construção da identidade dos cidadãos. Então estudar a literatura, sabendo-se que está estar internamente atrelada ao processo de desenvolvimento da leitura, neste país, exige do professor uma compreensão acerca das práticas pedagógicas, no que se refere às orientações de leitura do objeto literário.

A leitura pode proporcionar ao leitor o prazer do novo, a descoberta sobre os mais variados assuntos. Através dela, pode-se interagir, experimentar e criar coisas novas. As relações entre leitura e literatura estão no centro dos debates atuais e apresenta-se no bojo de uma série de indagações relativamente consensuais que caracterizam a contemporaneidade.

Contudo, sabe-se que muitas vezes a escola não consegue ensinar a criança a ler e a despertar o gosto pela leitura, ocorrendo tal problemática com muitos alunos.

Atualmente muito se tem discutido sobre o processo de leitura e escrita tentando explicar como se constitui sua aquisição na escola, o que pensam os educadores e a criança sobre tal objeto e quais os fatores que contribuem para o fracasso escolar na escola e da escola, diversos autores tem elaborado questões que tornam possível repensar a prática escolar.

Alguns autores defendem a ideia de que, por falta de uma explicação científica para a causa do fracasso escolar, os educadores lançam a culpa na dificuldade da língua, contudo, entende-se que a língua é construída na escola e para a interlocução no processo dialógico discursivo e que não tem sentido, e muito menos, se pode conceber a ideia estereotipada e/ou legitimar que esta possa ser ensinada de forma fragmentada.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

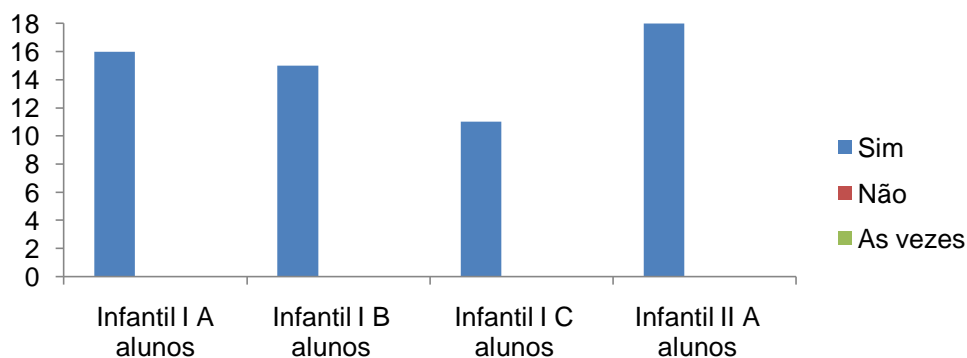
Este capítulo tratará acerca da discussão dos resultados obtidos por meio da investigação proposta nessa pesquisa, busca-se assim responder ao problema apresentado, bem como justificar os objetivos elencados como decisivos para a análise aqui desenvolvida, confrontando os resultados obtidos com a literatura pertinente. Assim os subcapítulos são compostos pelos dados referentes à pesquisa de campo que foi realizada numa escola pública em São José do Itaporã, distrito do município de Muritiba-Ba, com turmas da Educação Infantil I e II.

### 4.1 O OLHAR DO ALUNO

Ler é uma atividade muito importante para o desenvolvimento da criança, pois através da leitura ela mergulha em situações inimagináveis, cria e faz de conta, além de ampliar seu repertório cultural.

As evidências alertam que muitos educandos não despertaram interesse pelo ato de ler, muitas vezes por falta de incentivo dos adultos, ou mesmo, da escola que não proporcionaram momentos diversificados de contato com livros.

**Figura 01:** Número de educandos da Educação Infantil que gostam de ler.



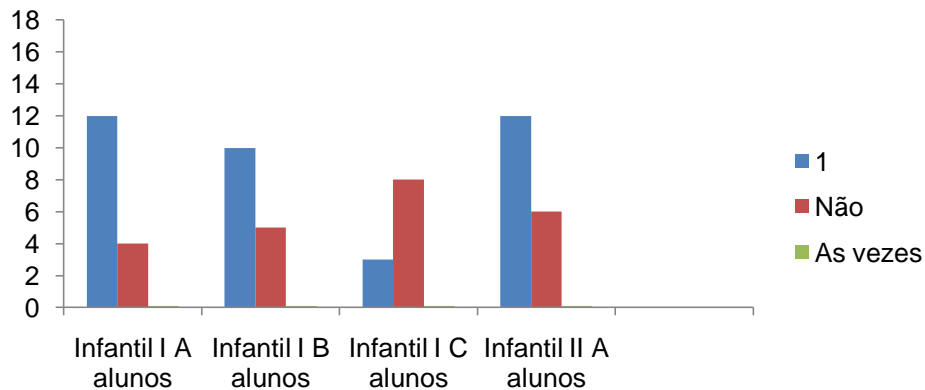
**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

A instituição estudada apresenta uma realidade totalmente diferente da de muitas escolas do Brasil, pois como afirma a figura (um) 100% dos educandos da Educação Infantil I e II afirmaram que gostam de ler. Isso demonstra ser resultado do estímulo dos hábitos de leitura compartilhados com os educadores.

Ao tratarmos do acesso do livro fora da escola, especificamente, no ambiente familiar a realidade é desanimadora, principalmente na turma C do Infantil I em que

mais da metade das crianças não tem livros em casa e na turma A do Infantil I que grande parte também não tem o acesso ao livro, como afirma a figura (dois), na turma A do Infantil I dos 16 educandos apenas (04) quatro não tem livros em casa e na turma B dos (15) quinze (05) cinco não tem acesso à leitura no ambiente familiar.

**Figura 02:** Número de crianças que tem acesso ao livro em casa.



**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

O incentivo da família é fundamental para que a criança cresça habituada a ler, sem o apoio da mesma esse processo torna-se muito difícil. A criança que afirma não ter acesso a livros em casa demonstra ter pouco incentivo da família no devido falta de condições econômica, falta de formação dos pais, dentre outras processo de desenvolvimento da leitura como um ato prazeroso.

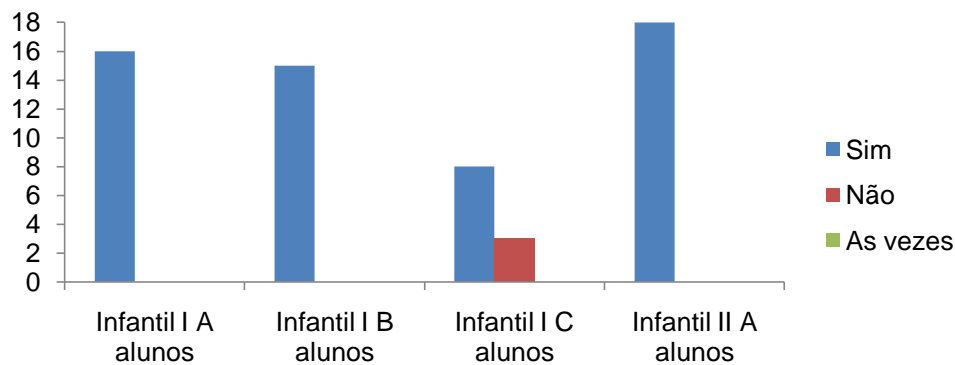
A criança na Educação Infantil ainda não domina as habilidades de decodificação e codificação de textos, assim os livros adequados para esta faixa etária normalmente contém muitas imagens. Isso facilita a compreensão e o envolvimento da criança com a história. De acordo com Cunha:

[...] a ilustração conquista a cada dia mais um espaço de honra nessas obras, configurando uma coautoria. Neste mundo tão visual em que atualmente vivemos, a imagem pode contar a seu modo aquilo que o texto apenas insinuou. Ou pode inventar, em paralelo ao texto, outro tipo de efeito poético, a ser descoberto pelos olhos da criança. (2012, p.32)

Refletindo a esse respeito, a pesquisa apresenta os seguintes dados:

**Figura 03:** Número de educandos da Educação Infantil que fazem leitura de imagens.





**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

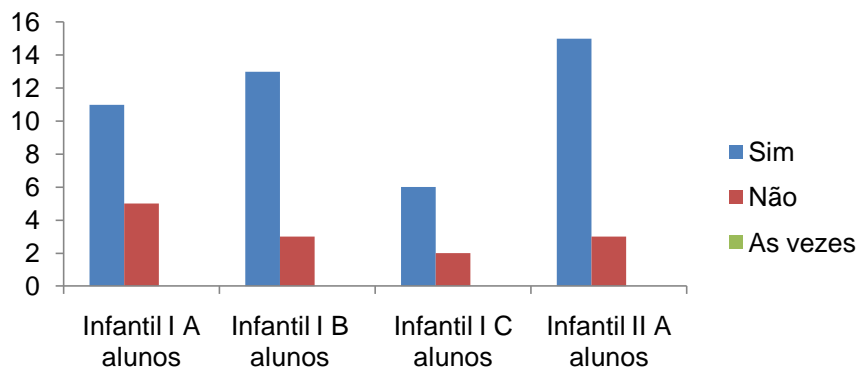
Um texto imagético conquista a criança, como pode ser constatado na figura (três), nas turmas A e B da Educação Infantil I e A da Educação Infantil II todos os educandos gostam de fazer leituras de imagens. Essa realidade torna-se animadora para os educadores, pois essas crianças estão respondendo bem aos estímulos de leitura. Apenas três (03) educandos da turma C da Educação Infantil I não gostam desse tipo de atividade.

De acordo com Colomer (2007, p. 102), “‘Estímulo’, ‘intervenção’, ‘mediação’, ‘familiarização’ ou ‘animação’ são termos associados constantemente com a leitura no âmbito escolar [...]”. Todos esses termos se referem a intervenção dos adultos encarregados de “apresentar” os livros às crianças.

Incentivar a criança a ter o contato com o livro é umas das primeiras responsabilidades do educador. Apresentar o livro como algo prazeroso para a criança, inicialmente, como um brinquedo, por exemplo, contribui para a formação de leitores ativos.

No entanto, a escola não pode ser a única responsável por incentivar a criança a ler, cabe a família como “berço educador” proporcionar-lhe o contato com variadas produções textuais.

**Figura 04:** Número de educandos da Educação Infantil que recebem incentivos para ler.

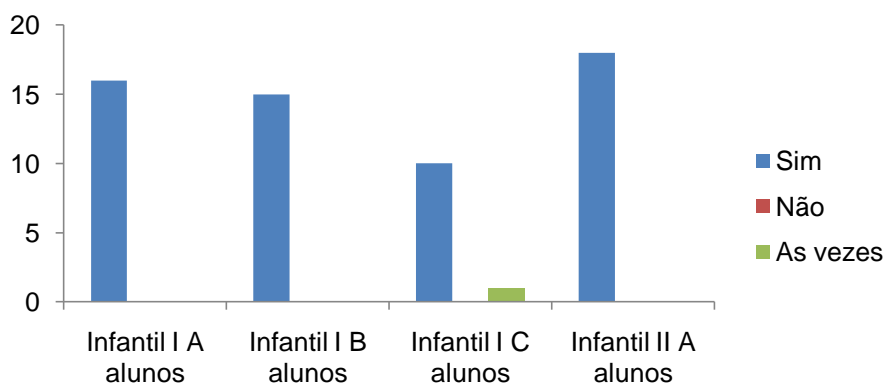


**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

De acordo com a figura (quatro) uma parte considerável das crianças da Educação Infantil I e II recebem incentivo dos pais para ler. Esse problema envolve escola e família, pois é responsabilidade de ambas formar o leitor.

As leituras de imagens são muito interessantes para as crianças, como já afirmamos anteriormente, elas gostam de ler para si e também de fazer leituras para seus colegas. Isto pode ser evidenciado na figura 05 a qual demonstra que a maioria dos educandos da Educação Infantil I e II gosta de ler para seus colegas.

**Figura 05:** Número de educandos da Educação Infantil que gostam de fazer leituras de imagens para os colegas.



**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

Nesta perspectiva, Souza e Feba (2011, p. 85) afirmam que “o domínio para uma leitura de imagem é importante para o desenvolvimento cognitivo, artístico, imaginativo e cultural do leitor infantil, pois são fonte de organização de pensamento, acompanhada de texto verbal ou não.” É agradável para a criança fazer leitura de

imagem, ela tem a liberdade de criar e recriar o visto, contar e recontar para seus colegas Despertando a fantasia, promovendo a sua imaginação do livro. Leitura literária na escola. (2011, p. 85)

No intuito de facilitar o entendimento sobre a problemática em questão foram aplicados questionários para os professores e suas respostas serão discutidas a seguir.

#### 4.2 O OLHAR DO PROFESSOR

A prática pedagógica determina o avanço ou não do processo de aprendizagem. É no dia a dia da sala de aula que o educador viabiliza a efetivação dos objetivos da educação escolar, os quais perpassam pela formação de cidadãos criativos, críticos e autônomos, principalmente de leitores. Para Farias no livro como usar a literatura infantil na sala de aula.

A multidimensionalidade do processo educacional requer do docente decisões complexas e diversificadas, de natureza pedagógica e política, que, em grande parte, extrapolam o espaço escolar. Tais decisões tomam como referência o conjunto de valores, crenças, hábitos e normas que determinam o que este grupo social considera importante, assim como os modos de pensar, sentir, atuar e de se relacionar. Noutras palavras, apoiam-se na cultura docente que integra a cultura escolar. (2011, p. 70)

Neste sentido, a postura do educador está relacionada diretamente com suas concepções, experiências de vida e com sua formação pedagógica. É uma rede entrelaçada de conhecimentos que forma o educador, cada qual com suas peculiaridades, mas com o mesmo objetivo educacional.

**QUADRO 01:** Execução da prática a fim de alcançar os objetivos educacionais da escola.

TÓPICOS	RESPONDENTE
Com muito afeto;	<b>A</b>
De maneira que facilita à criança aprender de forma prazerosa e obter um bom desempenho.	<b>B</b>

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

O quadro um (01) expressa à opinião das docentes A e B quando questionadas sobre como exercem sua prática a fim de alcançar os objetivos

educacionais da escola, estas demonstram que o afeto é a base de um ensino mais prazeroso.

Acerca do processo de mediação do conhecimento da leitura e da escrita, (SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010, p. 42) esclarecem que:

[...] o professor deixa de ser o único possuidor e transmissor do conhecimento. Sua intervenção é planejada para favorecer a ação do aluno sobre o texto. Esse exercício de mediação exige dele um conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve, o que significam seus diferentes desempenhos e como agir para que continue evoluindo para os níveis seguintes.

A escolha da metodologia é uma tarefa muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. Durante muito tempo pensou-se na criança como uma receptora de informações, porém com o tempo isto foi se transformando, ela passou a ser vista como um ser único com suas próprias peculiaridades.

**QUADRO 02:** Metodologia utilizada para garantir as crianças clareza e segurança no seu aprendizado.

TÓPICOS	RESPONDENTE
Construtivista.	A
Moderno aliado ao tradicional.	B

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

A metodologia adotada pelo educador precisa, antes de mais nada, garantir a aprendizagem das crianças; uma metodologia que atraia a criança a mergulhar no mundo do conhecimento. De acordo com o quadro dois (02) o educador A afirmou utilizar a metodologia Construtivista, já o educador B diz utilizar a metodologia Moderna aliada ao Tradicional. As afirmações dos educadores demonstram insegurança na denominação da metodologia utilizada. Isso pode ser resolvido com o auxílio da Formação Continuada, na qual os educadores têm oportunidade de rever sua prática e atualiza-la continuamente.

Na perspectiva de que os educadores reconheçam as dificuldades da criança no processo de leitura na Educação Infantil foi solicitado que expressassem sua atitude perante este problema, assim o professor A disse que a atenção dispensada

ao aluno com dificuldade é essencial e o educador B afirmou que procura melhorar a metodologia levando para sala de aula diversos recursos.

**QUADRO 03:** Atitude perante uma criança com dificuldade de leitura

TÓPICOS	RESPONDENTE
Procuro dar mais atenção.	<b>A</b>
Procuro levar para sala recursos que ajude essa criança e criar situações que possam ajudá-la a vencer essas dificuldades.	<b>B</b>

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

Na Educação Infantil as dificuldades de leitura se apresentam em menor escala, já que as crianças estão em processo de familiarização com a escola, com os livros. No entanto, devem ser consideradas com a intervenção do educador, pois assim podem ser amenizados futuros problemas relacionados a esse contexto.

O educador é o mediador do conhecimento ao educando, é principalmente, por meio dele que ocorre o processo de ensino e aprendizagem. Atualmente, não é mais aceitável um professor tradicional, que se coloca como transmissor de conhecimento. O educador, para atender as reais necessidades da sociedade, precisa ser dinâmico e motivador, um facilitador da aprendizagem.

Para tanto, é essencial que o educador adote uma metodologia adequada, com recursos atrativos, proporcionando um melhor desenvolvimento das atividades.

**QUADRO 04:** Recursos utilizados na sala de aula

TÓPICOS	RESPONDENTE
Brincadeiras e jogos.	<b>A</b>
Histórias, músicas, brincadeiras, revistas para recortes, folhetos.	<b>B</b>

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

O quadro quatro (04) demonstra que o Educador A restringe os recursos utilizados em jogos e brincadeiras, enquanto o educador B diz utilizar além dos jogos e brincadeiras uma diversidade de portadores de textos. O que caracteriza-se como uma aula facilitadora do processo de leitura, da familiarização da criança com o texto em seus diversos portadores.

A prática pedagógica com jogos e brincadeiras proporciona um ensino divertido, despertando atenção e o interesse das crianças, principalmente na

Educação Infantil. Porém é essencial recorrer, também, as histórias, músicas e outros, que viabilizam a mediação do conhecimento como algo prazeroso.

Ao questionar os educadores sobre a intervenção nas dificuldades de leituras o Educador A afirmou que prefere o trabalho individual, já o Educador B diz que trabalha, às vezes, coletivamente. Ambas as afirmações são coerentes pois tanto o trabalho coletivo como o individual são importantes para o desenvolvimento da criança com dificuldades de leitura.

**QUADRO 05:** Sobre o trabalho individual ou coletivo para crianças com dificuldades de leitura

TÓPICOS	RESPONDENTE
Individual.	<b>A</b>
Às vezes, coletivo.	<b>B</b>

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

Porém, é essencial que o educador utilize das duas formas de trabalho, pois a criança precisa do acompanhamento individual do educador mas também da interação com crianças com nível de aprendizagem diferente, que é o trabalho coletivo.

O processo de ensino e aprendizagem transcende os muros da escola, aprendemos dentro e fora da escola, no contexto social e na família. A criança pequena aprende a ler vivenciando diversas situações cotidianas de leitura e escrita.

**QUADRO 06:** Principais dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de leitura

TÓPICOS	RESPONDENTE
A falta de acompanhamento dos pais.	<b>A</b>
A falta de recursos fora da escola, de incentivo dos pais em contar histórias, cantar com elas e de alguns materiais lúdicos na escola.	<b>B</b>

**Fonte:** Pesquisa desenvolvida em uma escola pública do distrito de São José do Itaporã (2014)

O quadro seis (06) aponta as principais dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de leitura, de acordo com as afirmações dos educadores A e B. o educador A afirma que a falta do acompanhamento dos pais é o principal

responsável pelas dificuldades das crianças, enquanto o educador B aponta a falta de recursos lúdicos no ambiente escolar e também a falta de estímulo do ambiente familiar.

De acordo com (SOARES; AROEIRA; PORTO, 2010, p. 48) “Se o aluno tem muitas experiências com o texto, isto é, se em seu ambiente sociocultural ele é estimulado a ler e a interpretar textos que fazem parte do seu cotidiano, ele construirá mais rapidamente o conceito de leitura e escrita.” A escola e a família tem a responsabilidade de fornecer a criança um ambiente que permita a criança explorar e ampliar seu repertório linguístico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ler configura-se como uma atividade extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo da criança. O quanto mais cedo à criança tem contato com variados portadores de texto, melhor será sua expressão intelectual.

A pesquisa desenvolvida neste estudo demonstrou que os alunos da Educação Infantil de uma escola pública do distrito de São José do Itaporã, situada em Muritiba-Ba, gostam de ler livros imagéticos, fazer leituras para seus colegas, apesar de não serem incentivados no meio familiar.

Os professores sujeitos da pesquisa demonstraram incentivar e valorizar práticas que estimulam a criança a ler, proporcionando um espaço diversificado e atrativo.

A criança na Educação Infantil ainda não domina as habilidades de codificar e decodificar os textos, porém, os escritores de livros infantis costumam utilizar um número maior de imagens, ou somente imagens, para facilitar a interação da criança com o livro.

A família é a primeira instituição responsável pela educação da criança, assim seria ela a incumbida de lhe apresentar a leitura, porém é notório que a realidade é totalmente diferente, principalmente quando se trata da escola pública. Muitas crianças têm o primeiro contato com o livro no ambiente escolar, pois seus pais não sabem ler e/ou não tem o hábito de ler.

Os resultados aqui expostos são importantes por demonstrarem como as crianças veem a leitura na Educação Infantil e como a postura do educador e sua metodologia de ensino podem contribuir para que a criança desenvolva as habilidades básicas para ler e conseqüentemente produzir textos.

Esse estudo abre um viés para novas reflexões acerca da importância de incentivar a leitura desde muito cedo, e a Educação Infantil é sem dúvida a base onde o professor tem a oportunidade de formar grandes leitores.

Como diz a lei -9394/96- Lei de diretrizes e base da educação nacional, que a educação infantil, é a primeira etapa da educação básica, então é muito importante despertar o hábito da leitura desde cedo nas crianças.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, 5. Ed. SP: Scipione, 1997, p. 17 e 18.
- BAJARD, É. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BELLENGER, Claude. A lógica dos itálicos narrativos. In: vários. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Globo, 2003.
- CARVALHO, Andrey. **Formando o leitor / Carvalho -1. ed --** São Paulo: Rideel, 2010.
- CASTRO, Cláudio de Moura. **Escola para a cidadania**. S.n.t.: 23 dez. 2002. Disponível em: <<http://www.namodemello.com.br/pdf/tendencias/cidadaniaclaudio.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2014.
- CORTAZAR, Julio. Trad. De Davi Arrigucci Júnior. **Valise de Cronopio**, São Paulo; Perspectiva, 1975.
- DOCKRELL, Julie. **Criança com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.
- FARIAS, Maria Alice: como usar a literatura na sala de aula. São Paulo: contexto 2004
- FERREIRO, Emilia; Teberosky, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.
- \_\_\_\_\_.\_\_\_\_\_. Porto Alegre. Arte Medicas Sul, 1999.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas series iniciais**. 4. Ed. Injui: Unjul, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1993.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Trad-Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969

GALVÃO, I. Wallon e a criança, esta pessoa abrangente. **Revista Criança**. São Paulo: Ministério da Educação, p. 3-7, 1999

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 2 Ed. São Paulo: Record, 1997.

GOTTIB, Nádía Batella. **Teoria do Conto**. 7 ed. São Paulo: Ática. 1995.

GREGORIN FILHO, Jose Nicolau. **Literatura infantil múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**. Aspectos cognitivos da leitura. 9 Ed. Campinas – SP: Pontes, 2002.

LAYOLO, Mariza, Zilbermam, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e história** 3ª ed. São Paulo: Atica, 2002.

LOPES, Harry Vieira. A prática do português no 1º grau: objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Org.). **Universos da palavra**. São Paulo: Iglu, 1995.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, M. H.. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NIETZSCHE Friedrich. In Held, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**, São Paulo: Summus, 1980.

OSAKABE, Haqira. Ensino de gramática e ensino de literatura. In: GERALDI, João Wanderley (org.) O texto na Sala de Aula. São Paulo: Ática, 1997. 136 p.  
Revista; **Construir a notícia** nº 56, ano 10 janeiro/fevereiro 2010 Recife- PE.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, M. I. B.; AROEIRA, M. L.; PORTO, A. (Org.). **Alfabetização Linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensões, 2010.

SOLÉ, Isabel, **Estratégia de leitura**. Solé; rad. Claudia Schilling – 6. ed – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de, (org). **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**. FNDE. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p.26-33.

SOUZA, Renata Junqueira de e FEBA, Berta Lucia Tagliar (org). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Questionário para professores



#### Curso de Licenciatura em Pedagogia

Eu Deolinda Ribeiro de Carvalho, orientada pela professora especialista Ana Paula Deiró do Espírito Santo, através deste estudo que tem como título: A Leitura na Educação Infantil busco colher dados a respeito da utilização da Leitura em salas de aula da Educação Infantil I e II, conto com a sua colaboração em responder este questionário a fim contribuir com a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso de estudar a realidade acadêmica.

01- Dados do professor:

1.1- Idade: \_\_\_\_\_

1.2- Quantos anos de atuação na prática docente: \_\_\_\_\_

1.3- Qual a sua formação: \_\_\_\_\_

1.4- Série que leciona: \_\_\_\_\_

1.5- Quantos alunos têm: \_\_\_\_\_

02- Questões específicas:

2.1- Como você exerce sua prática a fim de alcançar os objetivos educacionais da escola?

\_\_\_\_\_

2.2- Que metodologia você utiliza para garantir às crianças clareza e segurança no seu aprendizado?

\_\_\_\_\_

2.3- O que você faz quando descobre em sua turma uma criança com dificuldade de leitura?

---

---

2.4- Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essas crianças?

---

---

2.5- Você faz trabalho individualizado ou coletivo já que essa criança tem dificuldade na leitura?

---

---

2.6- Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem referente à leitura?

---

---

## APÊNDICE B – Entrevista com roteiro para o aluno



### Curso de Licenciatura em Pedagogia

Eu Deolinda Ribeiro de Carvalho, orientada pela professora especialista Ana Paula Deiró do Espírito Santo, através deste estudo que tem como título: A Leitura na Educação Infantil busco colher dados a respeito da utilização da Leitura em salas de aula da Educação Infantil I e II, conto com a sua colaboração em responder este questionário a fim contribuir com a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso de estudar a realidade acadêmica.

Dados do aluno:

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

1- Você gosta de ler?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

2- Tem livros em casa?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

3- Você faz leituras de imagem?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

4- Recebe incentivos para ler?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes

5- Você gosta de fazer leituras de imagens para seus colegas?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Às vezes